

## Editorial

# Não existe multipartidarismo com partido único

Os municípios de Quelimane, Cuamba e Pemba, respectivamente na Zambézia, Niassa e Cabo Delgado, têm a soberba oportunidade de fazer valer a democracia multipartidária, através do voto, no dia 07 de Dezembro próximo, quando forem às urnas para eleger os novos edis destas cidades, nas eleições intercalares. São eleições que surgem no meio da polémica causada pelas renúncias em catadupa dos edis eleitos, pelas listas do partido Frelimo, a 19 de Novembro de 2008, mas que o próprio partido de Guebuza mandou cessar funções antes de terminados os respectivos mandatos, protagonizando desse modo uma humilhação sem precedentes aos seus próprios homens e dando mais uma vez sinais que o dinheiro do Estado quando se alega que não existe é apenas porque há alguma estratégia encoberta que ultrapassa o verdadeiro interesse público.

Quando por aparente culpa do Governo Central se viram na triste situação de estarem à frente de cidades completamente maltratadas e votadas ao abandono, porque o Governo da dupla Guebuza/Aires Ali não lhes deu meios para cumprirem as promessas eleitorais, os edis que aceitaram embarcar com a Frelimo na sua caminhada acabaram por ser chutados fora e agora perceberam melhor o que dá serem servis ao poder instalado há quase quarenta anos em Moçambique.

O que aconteceu aos edis que foram humilhados em Pemba, Quelimane e Cuamba é o que espera aos muitos mais que se predispuserem a entrar em jogos de poder que têm mais o propósito de manter o domínio total do país por uma entidade com carácter absolutista, do que tudo fazerem para que através da descentralização de poder o país possa ir mais rápido rumo ao desenvolvimento.

Quem for na conversa de quem apenas tem o propósito de encontrar moleques que os sustentem eternamente no poder, que faça as contas bem feitas e não se esqueça que a história tem agora mais três casos que explicam, sem equívocos, o que espera quem prefere dobrar a coluna a mostrar amor pela sua terra.

São renúncias que em devido momento comentámos pela vergonha que representam para o avanço da democracia no país.

Não se entende que um líder autárquico (o termo em si significa independente do poder central) eleito pelos municípios da sua cidade ou vila, seja mandado pedir a demissão do cargo seja qual for o partido no poder, seja por qual for a razão. Mesmo que seja por "má gestão", a lei dá a prerrogativa ao Conselho de Ministros, de dissolver a Assembleia Municipal e por inerência o edil cai também. São, quando assim se faz, entretanto, todos mandados para eleições. Todos os órgãos são desse modo sujeitos de novo a sufrágio, porque sobretudo há que se responsabilizar quem geriu mal a coisa pública, se foi esse o caso. E julgá-los cabe aos tribunais, não aos partidos como continua a insistir fazer o partido Frelimo, na sua senda absolutista e ditatorial.

Perante as renúncias fantoches que ainda constituem motivo de candentes debates em círculos diversos de opinião, só existe uma forma dos municípios mostrarem o seu desagrado face a esta atitude vergonhosa da Frelimo para com os chamados "chingondos". É ir às urnas no dia 07 de Dezembro e dizer, através do voto, que não é este tipo de governação autárquica que precisamos.

É preciso que todos os municípios de Cuamba, Pemba e Quelimane, saibam que só com a sua determinação é possível mudar a face das suas cidades. Se continuarem a alinhar com quem os engana, nunca chegarão a usufruir dos benefícios que a municipalização, a autarcização, em qualquer país, já proporcionou a quem vive em círculos urbanos a quem é reconhecido o direito a auto governarem os espaços que habitam.

Os municípios não podem nem devem ser tele-governados pela Comissão Política do partido no poder, neste caso a Frelimo. Nada adianta ter territórios e governos autárquicos, se o partido governamental, quem está no poder a nível central continua a ser quem dita as regras em todos os territórios municipalizados.

Quem quando entende ameaça e faz cessar funções os edis eleitos pelo povo, sem antes auscultar quem os elegeu e órgãos apropriados, só pode estar contra a descentralização. E quem faz isso não é seguramente democrata. Quem faz isso usando ameaças veladas é nojento e não tem o direito de criticar quem ameaça com armas.

Quem faz isso precisa que os cidadãos os metam na ordem e lhes mostrem nas urnas que quem manda é o poder local.

É preciso que os moçambicanos façam valer a democracia multipartidária, de que o país tanto se orgulha estar a usufruir desde 1994.

Não se pode falar de democracia multipartidária quando um só partido governa e manipula órgãos eleitorais para que eles impeçam candidatos de prosseguirem com as suas candidaturas e cheguem mesmo ao ponto de fabricar resultados.

Não se pode falar em democracia e em autarcização quando se fabricam maiorias para que as decisões todas no país continuem a ser tomadas por um grupo restrito que quer ter debaixo de si todo o poder para fazer e desfazer do país a seu bel-prazer.

A democracia é precisamente para fazer com que o Povo, o eleitorado imponha a sua vontade sem precisar de usar a violência. É por isso preciso que toda a gente em Quelimane, Cuamba e Pemba perceba que só estando recenseados os cidadãos podem ir votar e só votando se pode fazer as coisas mudar.

Para haver maior respeito pelo poder local, pelo poder das autarquias, é preciso os eleitores de Cuamba, Pemba e Quelimane percebam desde já que é preciso irem votar e votar para dar uma lição histórica a quem os quer continuar a tratar como crianças e como incapazes.

Em Moçambique há 43 autarquias e 42 são governadas pelo mesmo partido que está no Governo Central desde a Independência. Não é ilegal, mas é mau para o multipartidarismo que tantos almejamos.

Agora a Frelimo tem seus edis a governar em 42 autarquias, com excepção da cidade da Beira, onde o candidato Independente Daviz Simango é o edil. Por outro lado, a Frelimo tem maioria em todas as 43 assembleias municipais e o resultado dessa governação monopartidária é este que se vê: municípios a serem telecomandados. Cidades e vilas de mãos atadas por Maputo e por um grupo de senhores que fazem e desfazem para continuarem a ter o domínio pleno e exclusivo de todas as riquezas do país e de todas as oportunidades.

Tal como o fizeram os cidadãos da Cidade da Beira, em Quelimane, Cuamba e Pemba, os municípios têm a oportunidade de variar o menu da governação. Têm a oportunidade de decidir mudança, experimentar outros tipos de gestão. Têm a oportunidade de fazer valer a verdadeira democracia multipartidária a 07 de Dezembro próximo.

A 07 de Dezembro próximo devem estar organizados para vingar a honra de quem foi culpabilizado e obrigado a demitir-se por quem só se lembra das terras longínquas quando se trata de manter o poder para continuarem a fazer e desfazer e a abocanhar a riqueza que negam aos locais que não se deixam subjugar.

Não existe multipartidarismo com partido único. É preciso que se entenda isto. E quem quer o bem para o local onde vive deve perceber isto sem equívocos. (Canal de Moçambique)